

# EXPERIÊNCIAS DE ENSINO COM IMAGEM E A CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR NO PIBID

Laise Duanne Gomes da Silva (UNEB)

Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (UNEB) \*  
magypaixao@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Assim como toda a sociedade, nos anos finais do século XX, início do século XXI a escola passou por uma série de transformações políticas, ideológicas e conceituais. As instituições de ensino, cientes dessas mudanças, têm se preocupado em repensar suas práticas políticas pedagógicas e planejar espaços que propiciem aos alunos, as aprendizagens coerentes com este novo cenário mundial.

O perfil dos alunos tem se modificado. Para eles estarem na escola, muitas vezes, é “entediante”, preferem a dinamicidade que a internet lhes propicia, com sua linguagem composta de textos imagéticos-verbais e sons que lhes encantam. A interatividade do *Facebook*, *MSN* para os jovens é um “prazer” e por isto estão sempre conectados.

Conscientes do poder da cultura visual na informação e formação do aluno, este artigo pretende trazer observações quanto às aprendizagens alcançadas através do ensino com imagens, no sub-projeto do PIBID: *Cultura visual aprendizagem: Leitura e Práticas Transversais*, como também abordar as contribuições deste para nossa formação acadêmica e profissional a partir da nossa participação em sala de aula. Para Hernández (2007), a cultura visual desenvolve um conhecimento mais profundo e rico, a partir do momento em que destaca a “relevância que as representações visuais e as práticas culturais têm dado ao ‘olhar’ em termos das construções de sentido e das subjetividades no mundo contemporâneo”. A cultura visual não pretende somente o reconhecimento dos elementos constituintes da imagem, mas a sua leitura e interpretação crítica no contexto em que esteja inserida, ou seja, “entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais”. (SOUZA Apud FONSECA, 2001).

---

\* Graduandas do 6º semestre do curso de Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus IV – Jacobina BA.

Este trabalho se divide em quatro pontos. Em primeiro momento, trataremos uma discussão sobre a presença da imagem na prática docente, logo após, discutiremos as aprendizagens em sala de aula possibilitadas através da imagem; em terceiro momento trataremos observações quanto à nossa participação como bolsista de iniciação docente como contribuição para a formação do professor e, por último, separamos um espaço para relatar nossas experiências da aplicação do projeto de intervenção “Imagens das Paisagens da Cultura e do Cotidiano Nordestino” na escola Frei José da Encarnação de Jacobina-BA.

## **1 A IMAGEM NA PRÁTICA DOCENTE**

As imagens, assim como as histórias, têm o poder de nos formar e informar, elas também são poderosas formas de comunicação. As imagens estão presentes desde o nosso pensamento até os vários meios de comunicação que fazem parte do nosso dia-a-dia e estão presentes em todos os espaços.

Portanto, na contemporaneidade, vivemos em meio a uma avalanche de imagens, por isso não devemos mais olhar para elas apenas como mera ilustração do ou complemento do texto verbal, mas como um texto completo que tem o poder de informar, formar e proporcionar ao sujeito uma série de conhecimentos, afinal não é por acaso que a imagem está presente em todo e qualquer espaço. E, assim como a palavra, ela também tem sua importância nos vários espaços educativos, informativos, de entretenimento e muitos outros. Por isso

Em Educação, é cada vez mais crescente a preocupação com o tema, inclusive, na busca de uma forma própria de conceber o objeto nos processos pedagógicos uma vez que a linguagem imagética ocupa, hoje, em nossa sociedade contemporânea, um espaço cada vez mais significativo nos processos comunicativos, especialmente naqueles envolvendo os meios midiáticos. Não é demais lembrar que certas especificidades dessa forma de linguagem conferem ao texto imagético um caráter plurissignificativo o que o torna de difícil substituição pelo texto verbal (GOMES, 2008. p.41-42).

Pensando em uma série de questões como essas que a cada dia torna-se necessário pensar numa forma para que se possa incluir nos processos pedagógicos a utilização da imagem em sala de aula pelos professores. E que essas imagens não sejam utilizadas em sua prática docente, apenas para preencher lacuna, ou como ilustração, mas como texto completo que transmite informação e conhecimento sobre diversos temas e conteúdos escolares de forma peculiar e objetiva.

No entanto, cabe mencionar que, apesar da imagem estar presente em todos os lugares e fazer-se necessário a cada dia mais estar inserida nos vários espaços educativos, por esta, fazer parte da vivência dos alunos, muitos são os professores que mantêm uma resistência em relação a isso e não aceitam, nem utilizam esse tipo de texto em sua prática, pois muitos estão completamente fechados e resistentes para essas transformações que ocorreram na sociedade atual. Isso porque nem todo professor conseguiu se adaptar a essa nova forma de obter conhecimento e informação, temendo a nova modalidade de ensino com imagens e por isso criam uma certa resistência a esse novo tipo de ensino-aprendizagem. No entanto

Precisamos de professores inquietos, andarilhos, eternos aprendizes, que sejam capazes de largar a mesa e a cadeira de professor e aprender em meio aos conglomerados e nas mais inusitadas situações. Que busquem analisar nas novas configurações sociais, podendo, então, se diferenciar, significar e significar sua permanência em sociedade. O professor desse novo tempo tem que ser, acima de tudo, aprendiz. Aprendiz no sentido investigativo que o termo comporta. Aprendiz da cultura, aprendiz das mudanças sociais, aprendiz de humanidades: coisa que a máquina não pode fazer. O professor não pode temer a evolução tecnológica porque ela é inevitável. Deve ser um aprendiz dela. Um aprendiz que do alto do seu saber, da sua vivência e inventividade possa fazer dessa aprendizagem a razão da sua profissão, e das tecnologias um seu aliado. Isso requer coragem, desprendimento e investimento, mas é essa a única forma de reencontrar sua identidade na esfera das transformações sociais (GOMES, 2008. P.19).

Por isso, a nossa participação no Projeto PIBID tem sido muito importante, pois além de ganharmos experiências na área educacional, estamos a cada dia percebendo o quanto e válido o uso da imagem na prática docente, com isso estamos diariamente reformulando e aprendendo coisas novas. Percebemos também a importância de se trabalhar com textos imagéticos em sala de aula, pois este desperta maior interesse por parte dos alunos na leitura e interpretação de imagens tornando, assim, a aula mais interessante e produtiva tanto para o professor quanto para os alunos.

## **2 IMAGENS E APRENDIZAGENS EM SALA DE AULA**

Com o desenvolvimento do capitalismo e sua influência nos espaços sociais, sobretudo, no campo mercadológico com o crescimento tecnológico e da cultura midiática, passaram a existir mudanças quanto à produção e reprodução da informação, do conhecimento, como também “[...] no modo como a produção, a organização, a circulação e o consumo das próprias informações e conhecimentos vêm ocorrendo no mundo contemporâneo”. (CARLOS, 2010, p.29).

Essas transformações econômicas e culturais podem ser percebidas, desde quando vamos à rua, aos mercados, shoppings ou até mesmo quando estamos em casa, pois esses ambientes geralmente estão sempre cheios de aparelhos eletrônicos que potencializam o uso da imagem numa dimensão digital, como as televisões, telefones celulares, computadores, DVDs, vídeo games, máquina fotográfica, que demonstram a maneira como as novas gerações apreendem e concebem a realidade.

Essas questões evidenciam que estamos em uma sociedade que privilegia o uso dos aparatos tecnológicos, principalmente aqueles que potencializam os aspectos audiovisuais na comunicação dos sujeitos que se definem a partir da “conexão/desconexão (do jogo de interface) com as tecnologias”. (MARTIN, 1999, p.19)

O que queremos discutir ao abordar transformações é perceber a importância da imagem no fazer pedagógico escolar na contemporaneidade, uma vez que o homem tem se tornado um ser imagético, não só pela presença da imagem “na origem de nossos pensamentos, dando-lhe corpo e alma, mas também nos meios de comunicação que nos cercam diariamente” como reflexos da globalização (GOES, 2009, p.95).

Diante deste cenário, as tecnologias e as imagens galgaram um espaço importante na comunicação e na relação ensino\aprendizagem, pois se antes, aprendíamos em sala de aula, hoje, muito precocemente, nossos alunos familiarizam-se com uma gama enorme de ferramentas e programas de computador, além de sites, com diversas finalidades, e redes sociais. Considerando esta realidade histórica, percebemos que as visualidades do cotidiano influenciam as relações sociais e de aprendizagem. A imagem, neste cenário, não é somente mais um mero elemento que compõe a sociedade, mas tem sido um elemento chave da sociedade atual, cujas características associam-se aos aparatos tecnológicos e os meios de comunicação. Essas questões suscitam discussões sobre a riqueza dos trabalhos que envolvam as imagens, visto serem elas recursos que “constituem nosso ser; elas, assim como as histórias, nos formam, informam e são também poderosas formas de comunicação” (GOES, 2009, p.95).

É importante que compreendamos que fazer a interpretação de uma imagem não é somente descrever os elementos que a compõe, assim como a interpretação de um texto verbal não se dá apenas pela decodificação, mas precisaremos recorrer às suas relações com a história e a cultura, ou seja, é preciso “entendê-la como linguagem, produzida dentro de um contexto histórico e sociocultural”, portanto, “lidar com as imagens, lê-las com competência, perceber seus recursos e nuances faz parte do processo de apreensão, leitura e compreensão do mundo e de nossa própria existência” (GOES, 2009, p.95).

É pertinente ressaltarmos que embora o texto verbal se sobreponha ao texto-imagem, pelo paradigma da escrita, a leitura das imagens, como atividade educacional, tem se mostrado mais interativa, possibilitando leituras críticas e complexas, por ser a linguagem imagética de sentido plural e aberta, permitindo leituras diversas e interdisciplinares, que norteiam várias áreas do conhecimento. As pontuações mencionadas acima estão diretamente ligadas com a postura que se deseja como perfil de um aluno autônomo, tão almejado e discutido nas reuniões de professores para construção do projeto político pedagógico escolar, com respaldo na LDB 9394/96, ao estabelecer que a educação deve objetivar "... o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico..." (BRASIL.MEC,1999,p.200). Nessa perspectiva, percebemos a necessidade de novas formas de se lidar com o conhecimento, através de novos espaços que dialoguem com a cultura desta nova geração. A presença das imagens no contexto escolar faz com que a escola cumpra o seu papel de mediadora social, contribuindo para que os alunos deem sentido ao mundo que vivem, pois é fato que as imagens existem e inundam a sociedade como um todo. Ignorá-las é fechar a porta para a realidade cultural da modernidade.

Na educação infantil as tarefas escolares costumam estar sempre cheias de imagens, e não podemos negar que elas contribuem muito para a resolução das atividades e para a aprendizagem, principalmente se for necessário associá-las a questão a ser respondida, por exemplo: temos a figura de um "rato" e, ao lado, sua representação verbal. Ou seja, associaremos a imagem com a palavra, saberemos que o "rato" imagem, se refere às sílabas "Ra-to". Com o passar do tempo as imagens começam a sumir da sala de aula, das atividades e até da prática do professor, porém, em nossa fase adulta, elas não deixam de ser recursos importantes na aprendizagem, prova disso é que memorizamos mais rápido uma imagem que a sua representação verbal.

Sabendo do espaço privilegiado da imagem na sociedade moderna e de seu potencial como recurso de ensino e aprendizagem, oportunizar momentos em sala de aula de discussão, reflexão, através da imagem seja ela em movimento ou não, se tornará algo mais necessário, pelo fato de as imagens se comunicarem de forma mais direta e objetiva que as palavras. A proposta do trabalho docente com imagens deve dialogar com as novas realidades, com as novas possibilidades da atualidade, numa tentativa de provocar mudanças em todos os sentidos, sejam elas relacionadas à escola, aos alunos ou à sociedade.

### **3 INICIAÇÃO DOCENTE NO PIBID E CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR**

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID tem contribuído para que nós, enquanto futuros docentes, ganhemos experiência e preparação para atuação em sala de aula com a ajuda e a cooperação de outros docentes que nos dão espaço para aprender com suas práticas, e, dessa forma, sermos mais reflexivos, competentes e capazes de fazer a diferença no ensino público brasileiro.

Seguindo o raciocínio de Silvio Gallo que diz que o professor se forma a partir do contato com os sujeitos do espaço educativo, compreendemos que

O que forma o professor são os encontros com os estudantes e com a escola, e também com outros professores. Mais do que nos manuais, aprendemos a ser professores vivendo a experiência educativa. Aprendemos a emitir signos, aprendemos a convidar a fazer com na medida em que o fazemos, na medida em que experimentamos (GALLO,2001, P.23).

Portanto, o sub-projeto: *Cultura visual e aprendizagem: leitura e praticas transversais* tem nos proporcionado o privilégio de poder conhecer e vivenciar de perto um pouco mais sobre o espaço educativo: como este funciona, qual o publico alvo e os caminhos que devemos traçar para conseguir bons resultados no ensino-aprendizagem dos alunos. Dessa forma estamos a cada dia nos preparando para que no futuro possamos nos tornar educadores capazes de transformar o nosso fazer docente, pois já estaremos familiarizados com o ambiente escolar e, assim, podemos trilhar com passos mais firmes e com segurança nesse ambiente tão surpreendente, repleto de conhecimentos e aprendizagens. Como disse Gallo (2001), não nos formamos professores, tornamo - nos professores. E tornamo-nos professores quando experimentamos, no cotidiano das salas de aula, o ser professor, o relacionar-se com os estudantes, o emitir signos, o convidar para os encontros. Portanto,

A escola é o local do trabalho docente, e a organização escolar é espaço de aprendizagem da profissão, no qual o professor põe em prática suas convicções, seu conhecimento da realidade, suas competências pessoais e profissionais, trocando experiências com os colegas e aprendendo mais sobre seu trabalho. O professor participa ativamente da organização do trabalho escolar, formando com os demais colegas uma equipe de trabalho, aprendendo novos saberes e competências, assim como um modo de agir coletivo, em favor da formação dos alunos (LIBÂNEO. et al, 2007. p.307).

Sendo assim, não é simplesmente na graduação que vai nos tornar professores e sim a soma das nossas experiências vivenciadas nela; o nosso contato com a escola, com os alunos e com outros professores através dos encontros e da nossa troca de conhecimento uns com os outros. Afinal, nunca sabemos tudo e é sempre válido aprender com outras pessoas, pois ensinar e aprender devem estar sempre presentes na vida de cada indivíduo.

#### **4 EXPERIÊNCIAS EM RELATOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO “*IMAGENS DAS PAISAGENS DA CULTURA E DO COTIDIANO NORDESTINO*”.**

O projeto *Imagens das Paisagens da Cultura e do Cotidiano Nordestino* surgiu de uma proposta das pautas de nossas reuniões no PIBID, com a intenção de que houvesse uma maior atuação dos bolsistas em sala de aula. Ao todo foram 16 projetos, tratando de diversas temáticas, como: cultura, cinema, ciberespaço, imagens abstratas, padrões de beleza, histórias em quadrinhos, propagandas, música e etc.

O projeto colocado em destaque objetivava trazer conhecimento histórico e cultural acerca do nordeste e, através desta aprendizagem, desmitificar os discursos preconceituosos e estereotipados construído pela mídia e expandido socialmente ao longo de muitos anos sem questionamentos. E, conscientes do poder que a cultura visual tem na produção e reprodução do conhecimento e da cultura, uma vez que o homem atual tornou-se um ser imagético, percebemos a influência da cultura visual não só na relação imagem-conhecimento, mas também a gestão interdisciplinar do conhecimento mediado pela imagem e, com essa perspectiva, o projeto *IMAGENS DAS PAISAGENS, DA CULTURA E DO COTIDIANO NORDESTINO* utiliza-se da imagem como recurso para a produção, reprodução e aquisição de conhecimentos e cultura a cerca do nordeste brasileiro, não ficando de fora também à cultura midiática que tem sido um veículo produtor de discursos, opiniões, estereótipos preconceituosos e, portanto, não deve ser ignorada, mas discutida, problematizada, nos meios educacionais, uma vez que esta tem sido uma forma de “comunicação de massa”, que se utiliza de artifícios que atraem, encantam, distraem e ,por isso, deixam muitas vezes implícitas e despercebidas suas intenções, porém, não deixam de ser assimiladas por nosso inconsciente.

Neste projeto, pretendíamos trabalhar e discutir alguns assuntos como: o preconceito contra os nordestinos, a cultura nordestina, a Guerra de Canudos, como também a seca e migração dos nordestinos. Como exemplo, destacaremos as intervenções que fizemos sobre a guerra de canudos nas turmas do 9º ano na disciplina de História. Para as quais preparamos

um vídeo, um slide e um desenho que serviu como apoio para a explanação do assunto. O vídeo tinha uma duração de 9 minutos e 32 segundos, foi um recorte de uma cena do filme *Canudos*, em que apresentava a pessoa de Antônio Conselheiro, suas características e ideologias, o perfil de seus seguidores, perseguição da república, imposição da cobrança de impostos. Sendo ele utilizado logo após a explanação do assunto através do desenho feito por nós mesmos, o qual representava Antônio Conselheiro e seus adeptos, a República, os coronéis e seus latifúndios, assim como também a igreja católica juntamente com os padres. Este desenho foi um instrumento que atraiu a atenção dos alunos, percebemos que através da ilustração eles conseguiram assimilar o conteúdo, pois ao passar o vídeo e solicitar comentários do que eles conseguiram perceber e fazer relação do que já havia sido explanado através do desenho, eles comentaram o vídeo associando à explanação.

No final, por estar tratando sobre “A Guerra de Canudos”, achamos viável e interessante levar para a sala de aula curiosidades sobre a cidade de Canudos, palco da guerra sangrenta e também curiosidades sobre o Parque Estadual de Canudos, onde estão preservados vestígios da antiga cidade de Canudos. O slide foi outro recurso que também atraiu a atenção e interesse dos alunos que participaram com perguntas, mostrando-se bastante interessados em conhecer esta cidade que outrora foi cenário da Guerra.

A experiência de ter feito esta intervenção sobre *A Guerra de Canudos* foi muito gratificante, principalmente por sentir que os alunos mostraram-se bastante envolvidos na aula, dando atenção ao que estava sendo explanado, pois geralmente eles não têm este comportamento disciplinado, e se acontecesse de algum colega deles começar a conversar ou brincar eles mesmos corrigiam, sem ser necessária nossa intervenção. Dias depois, quando nos víamos pelos corredores da escola, alguns diziam que tinham feito a prova de história e acertaram todas as questões relacionadas *À Guerra de Canudos*, que gostaram da aula e que esta tinha contribuído muito para eles. Sentimos um carinho grande por parte deles, no término das aulas fomos aplaudidos, como sinal de que eles sentiram-se felizes com a aula.

A utilização desses recursos audiovisuais foi de extrema importância para o sucesso da aula, porque, além de ouvirem, os alunos estavam visualizando o que estava sendo dito. Além disso, também fez com que a aula se tornasse mais dinâmica. Fazendo-nos concluir que a cultura visual é uma parceira na relação ensino-aprendizagem.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos nossos estudos, pesquisas e experiências em sala de aula podemos perceber que na contemporaneidade torna-se necessário a cada dia a utilização de textos imagéticos na sala de aula, pois é crescente a avalanche de imagens que recebemos a todo momento no mundo contemporâneo. Estamos cercados de imagens, por isso não devemos ignorá-las ou vê-las como vilãs do sistema educacional, mas fazer uso das mesmas em nossa prática docente como mais uma forma de melhorar o ensino aprendizagem dos nossos alunos.

Conscientes do poder da cultura visual na informação e formação, a cada dia percebemos um grande avanço no ensino-aprendizagem dos alunos que estão sendo alcançadas através do ensino com imagens no PIBID, no sub-projeto *Cultura visual aprendizagem: Leitura e Práticas Transversais*, como também as suas contribuições para nossa formação acadêmica e profissional.

O avanço alcançado no ensino com imagens tem acontecido porque como sabemos, o perfil dos alunos tem se modificado. Para eles estarem na escola, muitas vezes, é “entediante”, preferem a dinamicidade que a internet lhes propicia, com sua linguagem composta de textos imagéticos, verbais e sons que lhes encantam. A interatividade do *Facebook*, *MSN* para os jovens é um “prazer” e, por isto, estão sempre conectados. Portanto é preciso que a escola faça uso dos meios tecnológicos com inteligências para que seja considerada um lugar prazeroso, dinâmico, atrativo e interativo.

Por fim, podemos concluir que, a cada dia, torna-se necessário pensar numa forma de incluir nos processos pedagógicos a utilização da imagem em sala de aula pelos professores. E que essas imagens não sejam utilizadas em sua prática docente apenas para preencher lacuna ou como ilustração, mas como texto completo que transmite informação e conhecimento sobre diversos temas e conteúdos escolares, de forma peculiar e objetiva.

## REFERÊNCIAS

FONSECA, Leda Maria. Leitura de Imagens e a Formação de leitores. In GOES, Lucia Pimentel e ALENCAR, Jakson de. (orgs) *Alma da imagem*. São Paulo. Ed. Paulus. 2009.

GALO. S. O professor-artista: Educação de si e revolução molecular. In SANTOS, Cosme Batista e GARCIA, Paula César, SEIDEL, Roberto. *Crítica Cultural e Educação Básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo, Acadêmica. 2011.

GOMES, Antenor Rita. Os textos imagético-verbais na formação de professores. In GARCIA, Paulo César Souza, OLIVEIRA, Sara. (orgs) *Entre textos: Narrativas, experiências e Memórias*. Vários Autores. Guarapari-ES. Ex Libris, 2008.

GOMES, Antenor Rita. *Linguagem Imagética e Educação*. Guarapari-ES. Ex Libris, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual-proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIBÂNIO, José Carlos, OLIVEIRA, João Ferreira de, TOSCHI, Mirza Seabra. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. 5ª ed. São Paulo. Cortez, 2007.

CARLOS.Eronildo João(org). *Por uma pedagogia crítica da visualidade*. João Pessoa.Editora Universitária da UFPB.2010.p.27-43.

GOMES. Lúcio Pimentel e ALENCAR, Jaksom de (orgs). *Alma da Imagem*.São Paulo. Ed. Paulis.2009.

JESÚS. Martin Barbero. *Novos Regimes de Visualidade e Descentralizações Culturais*. Brasília: Ministério da Educação, SEED,1999.